

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

FERNANDA SANTANA SANTOS

**EFEITOS DAS RELAÇÕES DESIGUAIS DE GÊNERO
SOBRE AS MULHERES TRABALHADORAS DA EDUCAÇÃO**

UBERLÂNDIA

2021

FERNANDA SANTANA SANTOS

**EFEITOS DAS RELAÇÕES DESIGUAIS DE GÊNERO
SOBRE AS MULHERES TRABALHADORAS DA EDUCAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito parcial
para obtenção do título de licenciada em
Pedagogia

Orientadora: Prof. Dra. Elenita Pinheiro de
Queiroz Silva

UBERLÂNDIA

2021

FERNANDA SANTANA SANTOS

EFEITOS DAS RELAÇÕES DESIGUAIS DE GÊNERO
SOBRE AS MULHERES TRABALHADORAS DA EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito parcial
para obtenção do título de licenciada em
Pedagogia

Uberlândia, dezembro de 2021

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Elenita Pinheiro de Queiroz Silva (UFU)

Dedico este trabalho a minha família, pelo estímulo, carinho e compreensão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a professora Silvani por todo incentivo, motivação e orientação nesta caminhada acadêmica.

Aos meus familiares e colegas do curso que sempre me deram apoio.

“Se a educação sozinha, não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.”
(FREIRE, 2000, p.67).

RESUMO

Este trabalho aborda as Relações Desiguais De Gênero Sobre As Mulheres Trabalhadoras Da Educação. Apresenta, no tratamento histórico dessa questão a busca por igualdade nas relações de gênero, expõe os limites e as possibilidades que podem ser identificados nesse processo de luta, de conquistas e de desafios que se renovam constantemente. Com presença expressiva no mercado de trabalho, as mulheres vêm ampliando continuamente sua participação nos mais diversos cargos e funções, no entanto continuam sendo as principais responsáveis pelas atividades do lar, pelo cuidado dos filhos e pela constante exigência por qualificação, de modo que, muitas vezes, elas cumpram com três jornadas de trabalho: profissional, familiar e educacional. Portanto, entende-se que a igualdade de gênero precisa ser situada junto às relações sociais, onde deve caber a admissão às diversidades de pensamento e a continuidade dos movimentos em prol da independência feminina na sociedade.

Palavras-Chave: Mulheres; História; Gênero; Educação. Trabalho.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PEP	Programa de Educação Profissional
UFU	Universidade Federal de Uberlândia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 MEMORIAL	14
3 O INÍCIO DE TUDO: NÃO SE NASCE MULHER, TORNA-SE MULHER.....	18
4 SOBRECARGA DE TRABALHO DAS MULHERES.....	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo discorrer o tema Relações Desiguais de Gênero Sobre as Mulheres Trabalhadoras utilizando a pesquisa bibliográfica e qualitativa. Homens e mulheres desempenhavam papéis sociais muito diferentes ao longo da história e as questões de gênero dizem respeito às relações sociais e aos papéis sociais desempenhados conforme o sexo do sujeito, tudo isso trata-se de uma construção cultural, onde as coisas de menino e de menina, de homem e de mulher são pré-determinadas.

As concepções dos papéis diferenciados de gênero sempre existiram e ao longo do tempo foi passada a diante pelas famílias, escola, mídia, literatura e cinema (Meyer, 2003). Os desenhos animados infantis, por exemplo, exibem papéis femininos e masculinos estereotipados, como meninas dóceis e submissas e meninos valentes e dominadores (Rael, 2003).

A figura feminina geralmente fica associada à ideia de fragilidade que a colocava em uma situação de dependência da figura masculina, seja do pai, do irmão, ou do marido, e assim se deu origem aos moldes de uma cultura patriarcalista e machista, diante disso, as mulheres ao longo de suas vidas ficavam sob a responsabilidade dos homens, antes e depois do matrimônio.

O casamento seria a origem de uma nova família onde a mulher assume o papel de mãe, servindo ao marido e aos filhos nos afazeres domésticos, entretanto, sabe-se que ao longo da história vão ocorrendo transformações sociais e com o surgimento da sociedade industrial, a mulher passou a assumir posições no mercado de trabalho como operária nas fábricas e indústrias.

Com a Revolução Industrial houve um grande desenvolvimento tecnológico, nesse período as mulheres assumiram posições de operárias nas fábricas e indústrias, elas sofreram opressões e discriminações por parte da sociedade da época. Já na passagem do século XIX para o XX ficou marcada pelo crescimento do movimento feminista, o qual ganharia voz e representatividade política essa luta pelos direitos das mulheres como por exemplo o direito ao voto, cabe ressaltar que essa luta perdurou por anos. E mesmo com alguns avanços, ainda no início da segunda metade do século XX, as mulheres sofrem as consequências do preconceito e do status de inferioridade.

Cabe ressaltar, que desenvolvimento de novas tecnologias para a produção requer cada vez menos o trabalho braçal e mais trabalho intelectual, conseqüentemente, as condições ficam mais favoráveis para a inserção das mulheres no mercado de trabalho, entretanto, ainda temos um longo caminho a percorrer para atingir uma igualdade plena de direitos para todos, pois

ainda existem discriminações como por exemplo as alegações de que as mulheres ficam mais ausentes do trabalho devido a licença maternidade. As mulheres se preparam cada vez mais para assumir não apenas outras funções no mercado de trabalho, mas sim para assumir aquelas de comando, liderança, cargos em que antes predominavam o terno e a gravata. Ressalto que as aspirações femininas variam conforme seu nível de esclarecimento e conforme a cultura em que está inserida, ou seja, há mulheres que matem as tradições de suas culturas sendo responsável pelo cuidar da família e o homem provendo o alimento.

Mesmo com todas as mudanças no papel da mulher, ainda não há igualdade de salários e a mulher acaba acumulando funções domésticas. As mulheres de hoje buscam uma maior autonomia, liberdade de expressão, bem como liberdade com relação as suas ideias e posicionamentos outrora sufocados, elas buscam estar presentes no comando de escolas, universidades, empresas etc. Sendo assim, constata-se que um novo tempo se iniciou, e que mesmo com todos os avanços ainda é preciso falar sobre as questões de gênero no mundo, dada a importância de defesa dos direitos e da igualdade entre os indivíduos na construção de um mundo mais justo.

2 MEMORIAL

Me chamo Fernanda Santana Santos, tenho 28 anos, sou natural de Uberlândia - MG, sou filha de uma técnica de enfermagem e um auxiliar de transporte que sempre batalharam muito para que eu e meu irmão caçula pudéssemos ter todas as oportunidades que eles não tiveram, eles sempre nos mostravam a importância do estudo e sempre nos incentivaram a estudar para que tivéssemos um futuro melhor.

Minha infância sempre foi recheada de tudo que uma criança precisa para ser feliz, desde que nasci vivo em Uberlândia e sempre tive meus familiares ao meu lado, eu morava em uma casa pequena e aconchegante, sempre tive uma rotina onde acordava cedo ia para a escola, chegando em casa almoçava esperava a hora de fazer as atividades e depois eu e meu irmão, íamos para rua brincar com os vizinhos, pulávamos corda, jogávamos bola, carimbada, bandeirinha estourada, pulávamos amarelinha, andávamos de bicicleta, enfim, existiam inúmeras brincadeiras para aproveitarmos nossa tarde, e quando estávamos dentro de casa também conseguíamos arrumar brincadeiras fazíamos cabaninha no sofá, assistíamos TV, brincávamos no quintal em cima de uma goiabeira que era nosso “forte”.

E como falar de infância e não citar a casa da vovó? Esse sempre foi meu destino nas férias, feriados e qualquer outra folga da escola. Vários primos (as) correndo pela casa, muitos colchões espalhados por todo canto, o dia era pequeno para tantas brincadeiras onde o quintal dos meus avós se transformava em um mundo cheio de aventuras. Quando lembro da minha infância lembro de muita coisa boa, em uma dessas reflexões me recordei dos planos que eu tinha quando era criança, eu já sonhei em ser uma médica, e sonhei em ser a mulher maravilha para que eu pudesse ajudar o maior número de pessoas possível, e sempre acreditei que, independentemente da profissão que eu fosse seguir eu seguiria sendo feliz.

Eu iniciei minha vida escolar aos 5 anos de idade e fui alfabetizada aos 6 anos na Escola Municipal Eugênio Pimentel Arantes, foi neste colégio onde criei minhas primeiras amizades e tenho muitas lembranças de carinho e gratidão pelas aprendizagens e momentos vivenciados nesta instituição, como quando estava no 3º ano do ensino fundamental minha Professora regente Lucia Vânia incentivava todos os seus alunos a ler livros, revistas, solicitava auxílio dos alunos para leitura do livro didático, escolhia o xerife da semana como uma maneira de premiar os alunos mais comportados para lhe ajudar com pequenas coisas como apagar o quadro, pegar ou levar algum documento na secretaria, anotar os nomes das crianças que estavam fazendo bagunça em uma lista, me lembro que nada acontecia com essa lista mas todos

se sentiam tão importantes quando assumiam a função de xerife, enfim ela amava sua profissão, sentia prazer em ensinar seus alunos e eu sempre admirei muito isso.

No meu último ano do ensino médio, tive a oportunidade de concorrer a uma bolsa de estudos através de um programa do governo chamado Programa de Educação Profissional (PEP), foi aprovada com uma bolsa integral no curso Técnico em Estética pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), no segundo ano de curso me tornei mãe da minha primeira filha Maria Eduarda, uma menina extremamente esperta, meiga e que ama brincar com as amigas. Após o seu nascimento decidi trancar meu curso pois eu não havia me apaixonado pela profissão. E no final de 2013 eu e minha filha nos mudamos da casa dos meus pais e fomos morar com meu companheiro.

Em 2014 comecei a trabalhar na empresa Unimed Uberlândia como Assistente Administrativo/ Assistente Jurídico, onde eu realizava atividades como regularização da operadora perante a ANS, compilação de informações, elaboração dos documentos referentes a autorização de pagamentos.

Eu sempre tive a intenção de voltar aos estudos e fui muito incentivada por toda minha família, me planejei e em 2015 comecei a fazer provas do Enem e Vestibulares da UFU, nesse período além do apoio da minha família, tive o apoio de uma amiga que na época cursava pedagogia na Unipac e foi através dela que conheci o vasto campo de atuação do pedagogo. Compreendi que o pedagogo pode atuar em espaços escolares e em não-escolares, na implantação do ensino em diferentes fases de desenvolvimento da criança, em diversos níveis e modalidades do processo educativo, Segundo Libâneo “o pedagogo é todo profissional que lida com a formação de sujeitos, seja em instituições de ensino, seja em outro lugar”, (LIBÂNEO: 2006, p.215).

Após entender melhor o curso de Pedagogia, eu refleti sobre toda minha trajetória escolar e recordar o quanto os professores são importantes na vida de todo ser humano, acredito que também serei capaz de contribuir para que as crianças sejam conquistadas e consequentemente tenham prazer em aprender, adquirindo assim, a capacidade para produzir seus próprios conhecimentos bem como pensamentos críticos e reflexivos. Algum tempo depois fui aprovada na graduação de Pedagogia a Distância, ofertada pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia em parceria com a Universidade Aberta do Brasil, e fiquei extremamente empolgada para iniciar essa nova etapa em minha vida.

Por se tratar de um curso EAD, há flexibilidade para realização das atividades quanto ao tempo-lugar, entretanto, tive que me adaptar a uma nova rotina para conseguir adequar todos os compromissos do curso a minha realidade, para não ficar sobrecarregada de atividades.

Diante disso, o planejamento e organização dos estudos foram fundamentais para poder manter o ritmo de estudos, cumprir os prazos das atividades, ampliar a leitura de textos propostos, além de ter tempo livre para cumprir com todas as outras obrigações que eu possuo, como o trabalho por exemplo.

Então aqui eu começo a minha rotina tripla, onde trabalhava, estudava e cuidava da casa.

No final do ano de 2018 surgiu uma oportunidade de abrir um negócio próprio, diante disso, meu coordenador me desligou da empresa e eu toquei meu negócio próprio por aproximadamente 1 ano, nesse momento eu estava grávida da minha segunda filha Heloísa, ela é uma criança alegre, cheia de energia e muito amorosa. Ao final do primeiro ano decidi encerrar meu negócio próprio e fiquei aproximadamente 10 meses sem trabalhar fora, até que meu antigo coordenador me convidou para voltar a trabalhar com ele e desde o segundo semestre de 2020 trabalho na Unimed Uberlândia como Analista Administrativo.

Durante o curso de Pedagogia todos os alunos tiveram a oportunidade de ampliar seus conhecimentos e adquirir um bom entendimento sobre as possíveis áreas de atuação, isso colaborou para que eu identificasse quais são aquelas que possuo maior ou menor interesse de trabalho, então destaco aqui as disciplinas de Educação Especial, Psicopedagogia, Tópicos em Pedagogia Empresarial, Educação Infantil e Psicologia da Educação. Essas disciplinas me proporcionaram uma visão mais ampla e clara do curso, constando mais uma vez a amplitude de áreas nas quais o pedagogo pode trabalhar após sua formação.

O desafio é grande pois existe uma sobrecarga em minha rotina diária e com a pandemia essa sobrecarga se intensifica, pois a Covid-19 trouxe impactos no curso de Pedagogia, embora o curso ocorresse a distância, foram necessárias adequações como por exemplo, a disciplina de estágio supervisionado que precisou ser adaptada pois as escolas estavam fechadas e os profissionais estavam sobrecarregados devido ao novo modelo de ensino remoto desenvolvido, e por esse motivo não estavam aceitando estagiários para acompanhamento.

A pandemia não trouxe impactos apenas para o curso de Pedagogia, outras áreas também precisaram ser remodeladas as Escolas de Ensino básico e as Empresas foram umas delas. Conforme dito anteriormente, as escolas ficaram fechadas e passaram a utilizar um novo modelo de ensino que é o remoto. Já as empresas adotaram o modelo de trabalho home office, ou seja, os profissionais começaram a trabalhar em casa inclusive eu.

Nessa nova rotina sem o horário escolar das crianças elas demandam muita atenção e mesmo que eu esteja o tempo todo em casa eu não posso estar disponível o tempo todo, porque tenho tarefas no trabalho e uma carga horária para cumprir. Muitas mulheres como eu, vivem uma dupla/tripla/quádrupla jornada porque é uma jornada de trabalho, é uma jornada de

trabalho formal externo que nos remunera, é uma jornada de trabalho doméstico que não nos remunera, é uma jornada de trabalho emocional, educacional e afetiva da criação das crianças.

Meu companheiro trabalha home office e isso ajuda muito para que todas as atividades não fiquem impossíveis de serem cumpridas, pois eu no trabalho das 07:00 às 19:00 e não tenho flexibilidade de horário, sendo assim, ele participa das reuniões escolares, leva as crianças em atividades necessárias e outros. Ressalto que socialmente e historicamente as mulheres foram colocadas em um lugar de opressão e sobrecarga, enquanto os homens foram colocados em um lugar de não-sobrecarga, então quem possui alguém para dividir as tarefas, deve conversar sobre as suas necessidades, tentar estabelecer limites e horários, pois é muito importante que a gente não se sobrecarregue quando existe a oportunidade compartilhar os afazeres de casa.

Há muito tempo nós mulheres buscamos ampliar a nossa presença em diversos setores na sociedade, inclusive em lugares que antes eram vistos como tarefas dos homens, como dirigir. Porém, o processo contrário não aconteceu pois os homens não buscaram ocupar os espaços que antes somente as mulheres ocupavam, o que resultou em uma sobrecarga das mulheres, que ainda precisam exercer um papel tradicionalmente esperado, como dito anteriormente cuidar dos filhos, da casa, e da aparência. Infelizmente na nossa sociedade, o trabalho doméstico ainda é visto como uma tarefa da matriarca da família, isso faz com que as mulheres da classe média/alta terceirizem o trabalho doméstico devido à alta cobrança da sociedade.

Em resumo, a pandemia não criou apenas uma sobrecarga em casa, ela também intensificou as desigualdades no país, e a minha escolha pelo tema se deu a partir dessas vivências que permeiam minha vida, e com o aumento de desigualdades e da sobrecarga de trabalho para as mulheres, no cenário da pandemia, me pareceu pertinente adentrar no tema proposto para este TCC.

3 O INÍCIO DE TUDO: NÃO SE NASCE MULHER, TORNA-SE MULHER

O movimento feminista contribuiu de maneira fundamental para a reversão de algumas desigualdades de gênero no Brasil, suas conquistas ao longo dos tempos foram parciais e progressivas, onde pequenas vitórias foram se tornando cada vez maiores. Para entender a importância de tudo isso, além de conhecer a história geral do país, é preciso compreender como as mulheres buscaram romper a tradição cultural que foi imposta a elas durante a maior parte da história brasileira, onde existe uma divisão sexual do trabalho, que lhes reserva as atividades domésticas e aos homens as atividades fora do lar.

Cabe ressaltar, que durante o período colonial, as mulheres brasileiras foram vítimas dos estereótipos de gênero, onde as negras exceto as alforriadas eram escravas e não tinham nenhum direito, as demais, mesmo possuindo sua liberdade viviam em isolamento relativo, elas tinham severas restrições quanto ao acesso à escola e ao trabalho extra doméstico, naquela época a cultura sexista e patriarcal designava aos homens o papel de provedores, sendo assim, eles ficavam com as melhores oportunidades educacionais e de trabalho remunerado.

Em torno de 1960 as mulheres ainda tinham muitas gestações durante o período reprodutivo, o que as mantinha sempre ocupadas com as atividades de criação dos filhos e com os afazeres domésticos.

As desigualdades de gênero podem ser identificadas em vários momentos, mas muitas vezes são imperceptíveis aos olhos de desatentos. Segundo ADICHIE (2017, p. 35), “Quando as pessoas dizem “princesa” a intenção é boa, mas vem carregado de pressuposto sobre sua fragilidade, sobre o príncipe que virá salvá-la, etc.”. Podemos observar as diferenças entre brinquedos de meninas e meninos, respectivamente, são voltados para objetos que relembram atividades domésticas e os outros tem um teor mais ativo que necessitam de maior movimentação da criança.

Ensine a ela que ‘papéis de gênero’ são totalmente absurdos. Nunca lhe diga para fazer ou deixar de fazer alguma coisa ‘porque você é menina’ ‘Porque você é menina’ nunca é razão para nada. Jamais. Lembro que me diziam quando era criança para ‘varrer direito, como uma menina’. O que significava que varrer tinha a ver com ser mulher. Eu preferiria que tivessem dito apenas para ‘varrer direito, pois assim vai limpar melhor o chão’. E preferiria que tivessem dito a mesma coisa para os meus irmãos (ADICHIE, 2017, p. 21).

Então foi no século XIX que mulheres como Emmeline Pankhurst começaram a reivindicar seus direitos, em um primeiro momento, reivindicava-se a igualdade jurídica, o

direito ao voto, o acesso à educação e às profissões liberais, além da oposição a casamentos arranjados e à propriedade de mulheres casadas por seus maridos. (CONSOLIM, 2017).

No século XX (Anos 60 a 70), as mulheres começam a ter alguns objetivos diferentes, como por exemplo na França onde abordam as lutas para que os maridos pudessem ser presos por estupro, pois muitas vezes as mulheres eram forçadas pelos seus maridos e todo este ato era visto como apenas uma obrigação dentro da relação, ou seja, “Buscava-se uma política de respeito às diferenças e de igualdade de direitos, fundada no reconhecimento de equivalência entre os sexos, não de superioridade.” (CONSOLIM, 2017).

Por volta dos anos 1980 em diante, se inicia um debate sobre a ditadura da beleza, no que se refere aos padrões impostos muitas vezes pelas mídias e sobre os salários desiguais, ou seja, o foco seria a mudança de estereótipo.

De acordo com Mulligan e Rubinstein (2008 apud QUEIROZ; ARAGÓN, 2015), o tempo no mercado foi transformado com frações crescentes de trabalho em posições que eram consideradas principalmente masculinas. Diante de tudo que foi exposto, podemos entender que o feminismo luta pela igualdade de gênero, para que as mulheres não sejam desqualificadas apenas por serem mulheres, embora muito tenha sido desenvolvido com a luta feminina, ainda existem muitos desafios a serem ultrapassados para garantir direitos iguais entre os gêneros.

4 SOBRECARGA DE TRABALHO DAS MULHERES

Todas as lutas das mulheres como direitos políticos/ sociais, teve impacto em suas rotinas pois agora com novas responsabilidades elas precisavam administrar várias áreas da sua vida com maestria para que tudo se encaixasse. Com a entrada das mulheres que possuem filhos no mercado de trabalho, a socialização das crianças pequenas, por exemplo, se tornou uma questão pública que interrogava as imagens e representações a respeito dos papéis femininos e masculinos na família e na sociedade. Diante disso, a educação infantil, vem sendo um campo onde se assiste a um amplo processo de construção de imagens e de referências relativas à infância, às crianças, à mulher, às famílias, à responsabilidade com as crianças menores de 5 anos e aos direitos sociais de ambos.

A pluralidade das condições de vida das mulheres e das crianças faz com que surjam novos objetos e questões para investigações. Pois historicamente, as crianças até os dois anos de idade estiveram associadas a responsabilidade das mulheres como a mãe, a avó, a vizinha ou uma parente próxima. Portanto, as crianças com pouca idade constituem uma novidade social e cultural construída pela prática social, sobretudo a partir da segunda metade do século passado. Esse processo de socialização, toma a criança como um indivíduo passivo, onde a criança que não tinha uma vida social ativa e agora é convertida num pequeno adulto socializado (PEREIRA, 2007).

O Estatuto da Criança e do Adolescente e o art. 208 da Constituição Federal asseguram o atendimento em creche e em pré-escola às crianças de 0 a 6 anos de idade, isso é muito importante para a conciliação entre trabalho profissional e vida familiar do homem e da mulher.

Muitas transformações sociais e legais e das relações de gênero nos últimos anos do século XX e início do século XXI provocaram alterações no campo jurídico no tocante à guarda e ao cuidado e a educação das crianças pequenas. Estes deixam de ser tarefa exclusiva da família, em especial das mulheres-mães. Nesse sentido, as instituições de educação da infância passaram a favorecer que as famílias das classes trabalhadoras, em geral, e às mulheres, em particular, conciliassem as responsabilidades, ocupacionais, sociais e o cuidado e educação das crianças.

Na luta por igualdade de gênero, as mulheres continuam lutando para que seus direitos sociais e trabalhistas possam ser reconhecidos e garantidos em sua legitimidade. A conciliação do trabalho com a maternidade tem, na oferta de creches, um caminho que possibilita a manutenção das mulheres no mercado de trabalho (COSTA, 2007; Ramos et al., 2011, apud

QUEIROZ; ARAGÓN, 2015). Já é possível apontarmos que o número de homens e pais com maior participação na divisão das tarefas amplia. Alguns homens reconhecem a sobrecarga de trabalho, injusta e desigual, que a mulher possui e eles têm assumido responsabilidades que são reconhecidas como de todos e todas que vivem em uma mesma casa e constituem uma família. Cabe dizer que essa alteração não ocorre por acaso. Ela é resultante das lutas das mulheres organizadas; das mudanças de posturas de muitas mulheres, que se recusam à dominação e a submissão.

Assim, com o passar do tempo muitas mulheres passaram a ter uma presença expressiva no mercado de trabalho. Elas têm, cada vez, ampliado e lutado por participação efetiva nos diversos cargos e funções no mercado de trabalho. Entretanto, elas continuam sendo as principais responsáveis pelas atividades do lar e pelo cuidado dos filhos. Além disso, as empresas buscam por profissionais extremamente capacitados fazendo com que as mulheres precisem se qualificar, para que isso aconteça, elas acabam criando uma rotina na qual assumem três ou mais jornadas de trabalho: o exercício profissional, as responsabilidades da casa e familiares e a responsabilidade educacional dos/as filhos/as e a própria.

Bourdieu (1999, p. 23) afirma que: o gênero é um conceito relacional e uma estrutura de dominação simbólica, que constitui uma relação de poder na qual “o princípio masculino é tomado como medida de todas as coisas”. Para o autor, as diferenças biológicas ou anatômicas entre o sexo masculino e o feminino são como uma justificativa natural para a diferença socialmente construída entre os gêneros e, por conseguinte, para a divisão social do trabalho.

Hoje em dia temos mulheres que trabalham, gerenciam empresas, estudam, cuidam dos filhos e das filhas, marido, casa e buscam constantemente crescer profissionalmente para conquistar melhores cargos, para terem mais independência financeira, autonomia de suas ações e liberdade. Diante disso, nós ficamos sobrecarregadas até mesmo sem querer, ou até mesmo sem percebermos. A pressão imprimida pela sociedade, pelos nossos pais e pelo mundo capitalista, nos induz a buscar sempre “ser a melhor”, ou “ter o melhor”. Vivemos sempre querendo ser a melhor mãe, melhor esposa, melhor namorada, melhor filha, melhor irmã, melhor chefe, melhor amiga, ser a melhor pessoa, buscamos sempre ter o melhor emprego, ter um melhor cargo, ter um melhor salário, queremos sempre alcançar os padrões de beleza estabelecidos, buscando ser a mais elegante, a mais admirada. Tais fatores contribuem diretamente para a nossa sobrecarga.

E aqui temos um grande desafio: aprendermos a nos equilibrar, mantermos nossa saúde mental, saúde física e a termos qualidade de vida, driblando os agentes internos e externos que

contribuem para o surgimento da sobrecarga e de diversos transtornos emocionais em nossa constituição como sujeitos de direitos.

Diante das responsabilidades e tarefas que assumimos, no dia a dia, podemos desenvolver transtornos de Ansiedade que pode se apresentar por meio de diversos sintomas, tais como: irritabilidade, problemas no sono, tensão muscular, medos, dificuldade para concentração, inquietação, fadiga, mal humor, depressão e comportamentos compulsivos, entre outros.

Muitas mulheres questionam o que fazer para diminuir a sensação de sobrecarga e conciliar diferentes papéis e diferentes tarefas de maneira satisfatória. Todas as questões de sobrecarga, ao longo de 2020-2021, foram agravadas devido a pandemia de Covid-19. A pandemia tem evidenciado ainda mais as desigualdades de gênero, pois as mulheres são as mais atingidas pela crise no mercado de trabalho, com os afazeres de casa, home office, acompanhamento da tarefa escolar dos filhos e das filhas e os cuidados com a família, sem contar que ainda enfrentam a infeliz realidade do aumento de casos de violência doméstica.

Nesse momento de pandemia, foram as mulheres que tiveram que adequar os espaços privativos para trabalho e estudo, organizar a lógica da produtividade a qualquer custo, assegurar tempo para auxiliar os/as filhos/as com as tarefas da escola, enfim, as mulheres que já precisavam fazer malabarismos para dar conta do cuidado com a casa, dos filhos, trabalho e estudo, são ainda mais desafiadas com esse cenário complexo.

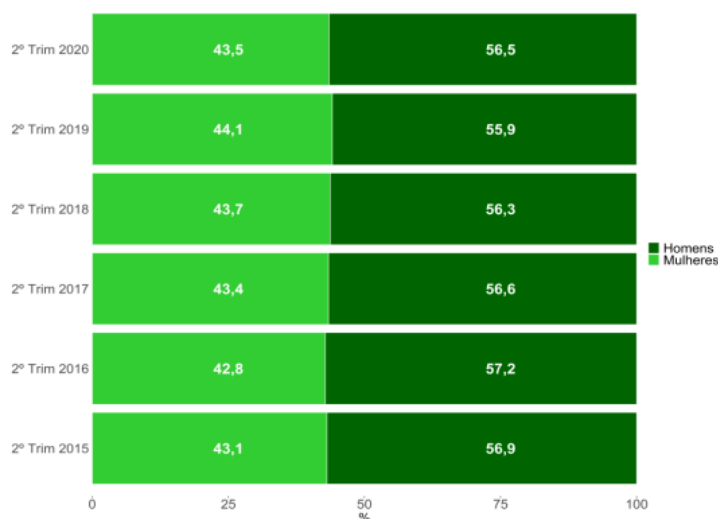
Cabe ressaltar, que durante esse período também foi identificada uma reformulação da estrutura familiar, pois algumas mulheres conseguiram conciliar a tripla jornada graças ao “apoio” do marido, entretanto, como observa Girão (2001), continua recaindo sobre as mulheres o ônus dessa reestruturação, pois, mesmo fazendo parte do mercado de trabalho, elas ainda se sentem responsáveis pelas funções do lar e muitas resistem à ideia de delegação das tarefas domésticas, o que dificulta o estabelecimento de novas formas de relação e as faz definir as ações do marido como de “apoio” e não como compartilhamento de responsabilidades. É o que diz Amaral (2012, p. 11):

[...] as mulheres normalmente têm que conciliar as demandas relativas ao trabalho com os afazeres domésticos. No confronto entre as atuais exigências profissionais e o papel de cuidado com as questões do lar, que lhes foi historicamente conferido, elas se veem numa encruzilhada que, muitas vezes, pode lhes trazer sofrimento psíquico.

Sabemos que há um avanço na participação das mulheres no mercado de trabalho brasileiro ao longo do tempo, embora essa participação ainda possa ser considerada inferior à

masculina. Podemos constatar pelo resultado da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, segundo trimestre de 2020 realizada pelo IBGE, que aponta que entre as pessoas ocupadas há uma predominância de homens (56,5%).

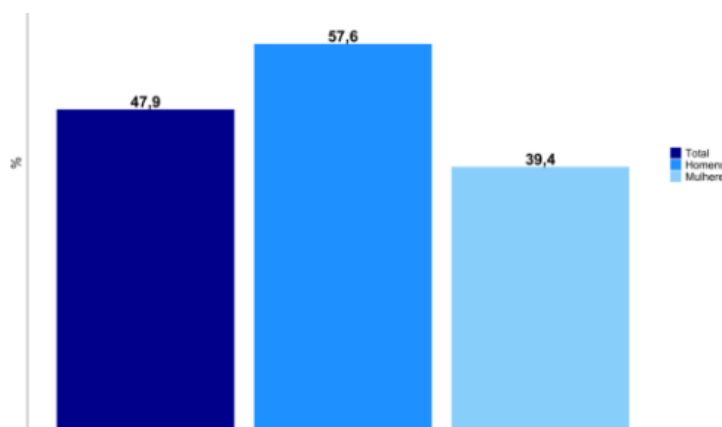
Gráfico 1 – Distribuição percentual das pessoas de 14 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência por sexo - Brasil - 2º trimestre - 2015-2020



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua.

A pesquisa ainda apontou para as diferenças no nível da ocupação entre homens e mulheres, ou seja, a proporção de homens com 14 anos ou mais de idade trabalhando era superior ao de mulheres deste mesmo grupo. No 2º trimestre de 2020, o nível da ocupação dos homens, no Brasil, foi estimado em 57,6% e o das mulheres, em 39,4%.

Gráfico 2 - Nível da ocupação (%), na semana de referência, das pessoas de 14 anos ou mais de idade, por sexo - Brasil - 2º trimestre – 2020



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua.

A participação das mulheres no mercado de trabalho ainda se mostra menor em relação aos homens, entretanto, a sua atuação vem se destacando progressivamente no que diz respeito a organização, foco, resolutividade e bom desempenho frente aos desafios do dia a dia. Apesar dos direitos já conquistados pela mulher no mercado de trabalho, ainda há muitos desafios pela frente. De acordo com dados divulgados pelo IBGE a mão de obra geral do mercado ainda é masculina, em comparação com a feminina e as trabalhadoras brasileiras podem receber até 20% a menos que os homens. Mesmo quando têm ensino superior e exercem a mesma função.

A quantidade de crianças matriculadas em creches pode auxiliar mulheres da classe média baixa e baixa a se inserir no mercado de trabalho, pois se a mulher tiver mais acesso a creches para substituir o tempo dedicado ao cuidado dos seus filhos pequenos, a tendência de ficar fora do mercado de trabalho é reduzida, visto que elas poderão ter condições de buscar cursos profissionalizantes e futuras vagas de empregos.

Por fim, as mulheres, especialmente as pobres, negras, indígenas, trabalhadoras do campo, ribeirinhas, enfrentam muitas dificuldades para ingressarem e permanecerem no mercado de trabalho. A elas são atribuídas uma rotina geral, como formação da família, maternidade, carência de formação e qualificação para acessar e permanecer em postos do mercado de trabalho, além das tarefas de manutenção da casa, e, muitas vezes, cuidados com as pessoas mais velhas e adoecidas do grupamento familiar. Tudo isso demanda tempo e dedicação da mulher. Neste sentido, há necessidade de políticas públicas voltadas para aumentar a oferta de creches, o nível de escolaridade e formação das mulheres para que elas possam ter assegurado o direito de participação no mercado de trabalho. Desse modo, processos de educação e formação de homens e mulheres, meninos e meninas podem assegurar transformações sociais e culturais que possibilitem a distribuição equânime dos afazeres de casa e das responsabilidades com os/as filhos/as entre homens e mulheres; entre meninos e meninas na escola e na sociedade em geral.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, entendemos que o movimento feminista e todo processo de luta em defesa dos direitos das mulheres foi recriando suas pautas continuamente. O movimento feminista, na difícil tarefa de mudança de paradigma social, educacional e cultural possibilitou grandes conquistas como o direito ao voto. No entanto, as mulheres brasileiras ainda têm um longo caminho a ser trilhado. Um caminho que não precisaria ser doloroso, caso houvesse aliados e aliadas para percorrê-lo.

Constata-se que após a inserção significativa da mulher no mercado de trabalho ocorreu um aumento nas suas atribuições e funções na casa e fora dela. No caso da mulher educadora, professora a situação é recorrente. Desse modo, a busca pela igualdade e isonomia de oportunidades para todos, precisa acontecer. A sociedade deve ser provocada a transformações e mudanças que assegurem que as oportunidades sejam as mesmas independentes do gênero. Assim, para que consigamos olhar para a coletividade as disparidades de gênero no mercado de trabalho precisam ser enfrentadas e resolvidas. A formação das futuras gerações não pode ser alijada dessa noção de coletividade.

A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso TCC me permitiu que ampliar ainda mais meus conhecimentos por meio das pesquisas e fez com que eu refletisse sobre diversos aspectos da minha vida tanto pessoal quanto profissional, como por exemplo realizar a reflexão de que o trabalho de cuidar da casa e dos filhos não deve ter gênero, que podemos perguntar se a mulher consegue dar conta de tudo, e sim qual é a melhor maneira de um casal se apoiar em suas duplas obrigações no emprego e casa. E as tradições também não precisam ser usada para justificar a escolha de brinquedos, brincadeiras e esportes ou mesmo comportamentos, sendo assim, ficou ainda mais claro que a Educação deve ser mais igualitária em relação ao gênero.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 94 p. Tradução: Denise Bottmann. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/14324.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos Todos Feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. 64 p. Tradução de: Cristina Baum. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ct/a/ktyPBWTRbtZNjb7mw7LvqTN/?lang=pt>. Acesso em: 03 jun. 2021.
- AMARAL, Grazielle Alves. **Os desafios da inserção da mulher no mercado de trabalho**. Itinerarius Reflectionis, v. 2, n. 13, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/22336>. Acesso em: 07 out. 2021.
- CAETANO, Edson; NEVES, Camila Emanuella Pereira. Relações de gênero e precarização do trabalho docente. **Revista Histedbr On-Line**, Campinas, v. 9, n. 33, p. 251-263, 31 out. 2012. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/rho.v9i33e.8639539>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639539>. Acesso em: 09 out. 2021.
- CONSOLIM, Veronica Homsí. **A história da primeira onda feminista**. 2017. Disponível em: <https://www.justificando.com/2017/09/14/historia-da-primeira-onda-feminista/>. Acesso em: 10 nov. 2021.
- CONSOLIM, Veronica Homsí. **O que pede a terceira onda feminista?**. 2017. Disponível em: < <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/09/15/o-que-pedeterceira-onda-feminista/>>. Acesso em: 10 nov. 2021.
- CONSOLIM, Veronica Homsí. **Segunda onda feminista: desigualdade, discriminação e política das mulheres**. 2017. Disponível em: < <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/09/14/segunda-onda-feministadesigualdades-culturais-discriminacao-e-politicas-das-mulheres/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.
- DIAS, Regina Célia; PEREIRA, Fátima; CORREIA, José Alberto. Creche, Igualdade de Gênero e o Direito das Crianças à Educação. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, [S.L.], p. 21-42, 29 set. 2014. Coimbra University Press. http://dx.doi.org/10.14195/1647-8614_47-2_2. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/rppedagogia/article/view/1647-8614_47-2_2/1259. Acesso em: 10 jun. 2021.
- GIRÃO, I. C. C. **Representações sociais de gênero: suporte para as novas formas de organização do trabalho**. 2001. Dissertação (Mestrado em Administração)-Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/22336>, Acesso em: 02 jun. 2021.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**: segundo trimestre de 2020. [S.L.], 2020. 52 p. Disponível em:

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact_2020_2tri.pdf. Acesso em: 09 out. 2021.

MEYER, D. E. (2003). Gênero e educação: teoria e política. In G. L. Louro, J. F. Nekele, & S.V. Goellner (Eds.), *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação* (pp. 9-27). Petrópolis, RJ: Vozes. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/cWRpwvC5yCqdzrDkH66gbvp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 05 jun. 2021.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e Política**, [S.L.], v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-44782010000200003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/GW9TMRsYgQNzxNjZNcSBf5r/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 09 jun. 2021.

QUEIROZ, Vívian dos Santos; ARAGÓN, Jorge Alberto Orellana. Alocação de tempo em trabalho pelas mulheres brasileiras. **Estudos Econômicos (São Paulo)**, São Paulo, v. 45, n. 4, p. 787-819, dez. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0101-416145484vqj>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ee/a/W9vz6jr6BNmGL3JWRSpC6Yy/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 09 out. 2021.

VIEIRA, Adriane; AMARAL, Grazielle Alves. A arte de ser Beija-Flor na tripla jornada de trabalho da mulher. **Saúde e Sociedade**, [S.L.], v. 22, n. 2, p. 403-414, jun. 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902013000200012>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/sYY4pGvn5HKn6L9dMrPFLfK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 jun. 2021.